

TRADIÇÃO ORAL E TECNOLOGIA: DUAS FACES DA LITERATURA DE MANU MALTEZ EM MEU TIO LOBISOMEM

Elizabeth Cardoso¹

RESUMO: O artigo estuda o alcance da tradição oral no contemporâneo ao traçar uma leitura da obra *Meu tio lobisOMEM*, de Manu Maltez, do ponto de vista dos desdobramentos da tradição oral na literatura infantil e juvenil e do modo como essa confluência busca apoio e beneficia-se das mídias digitais. O primeiro campo de análise discute o diálogo textual e cultural entre a literatura infantojuvenil e os contos de tradição oral. O segundo momento aborda a versão digital do livro, publicada simultaneamente com a versão de papel, que estabelece a questão sobre os ganhos e as perdas de uma mídia para outra e como cada uma contribui para a representação da passagem da infância para a adolescência nas teias da tradição e da tecnologia.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Tradição oral. E-book.

ABSTRACT: The article examines the scope of the oral tradition in contemporary when traces a reading of the book *Meu tio lobisOMEM*, by Manu Maltez. The reading is carried out from the point of view of the deployment of the oral tradition in children's literature and how this confluence is supported and benefited with digital medias. The first field of analysis discusses the textual and cultural dialogue between the youth literature and tales of oral tradition. The second point deals with the digital version of the book, published simultaneously with the paper version, which sets the question of the gains and losses from one media to another and how each contributes to the representation of the passage from childhood to adolescence in the webs of tradition and technology.

Keywords: Children's literature. Oral tradition. E-book.

Introdução

O presente trabalho debruça-se sobre a obra *Meu Tio LobisOMEM – uma história verídica* (2011), de Manu Maltez, que além de escritor e ilustrador é escultor e compositor. Muitas dessas facetas podem ser encontradas em *Meu tio LobisOMEM*, seja na versão papel ou na digital. Este artigo pretende apontar alguns dos principais pontos da obra e, para tanto, passará por dois eixos principais de discussão: a tradição oral e a tecnologia.

O livro, narrado em primeira pessoa, traz a memória de um narrador adulto sobre sua relação com o tio, quando ele era criança. Essa figura masculina é por ele associada ao lobisOMEM, compondo a principal imagem da história: um menino que se espelha no tio para constituir-se como sujeito. O trabalho aponta o modo como o autor moderniza um conto popular para representar uma

¹ Professora doutora do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUCSP. Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes – São Paulo – SP. E-mail: elizcardoso@terra.com.br.

crise existencial, a descoberta ou a construção do gênero masculino e o início da adolescência. E se o tio adulto é seu espelho, o conto da tradição oral é sua linguagem. É nesse sentido que o trabalho agora apresentado discute o diálogo textual e cultural entre a literatura infantil e juvenil e os contos de tradição oral. A estratégia de recontar o conto popular não é nova, mas interessa saber como *Meu tio lobisomem* articula as questões aqui colocadas na tessitura desses encontros textuais, culturais e tecnológicos.

O segundo ponto de interesse é a versão digital. Toda a ambientação rural e o tom quase folclórico do livro encontram-se com a dimensão eletrônica do século XXI, quando Maltez publica a versão digital da obra simultaneamente com a versão de papel. O livro eletrônico recoloca a narrativa em imagens com movimentos, narração oral do texto e trilha sonora. E a questão se impõe: quais os ganhos e as perdas de uma versão para outra e como cada uma contribui para a representação da passagem da infância para a adolescência?

1 Desdobramentos da tradição oral na literatura infanto-juvenil

Meu tio lobisomem conta a relação do narrador-personagem com seu tio, quando ele somava entre oito e onze anos de idade, especificamente, sobre o tempo que passou com esse tio em uma pequena fazenda, uma propriedade que deixou de existir, agora é apenas recordação, assim como o menino também não existe mais para além das reminiscências do narrador. A fazenda virou um moderno condomínio e o menino virou um homem, ambos carregam consigo traços do que foram no passado, pois algo houve de memorável.

Durante o período que o menino passa com tio na fazenda, ele escuta sons aterrorizantes vindo do quarto do parente durante a noite e isso, unido à personalidade incomum do tio (muito casmurro e incompreendido) e ao ambiente rural misterioso, faz com que ele deduza: meu tio é um lobisomem.

Acordei, mas ainda não era dia. O bambual que ventava, o vento que uivava, e alguém no quarto vizinho que grunhia. Jesus! Eu estaria sonhando? Não. Depois se levantou rosnando e passou maldito rente à minha porta. Por um instante parou. Em silêncio. O que é isso, meu Deus? Estava ouvindo meu coração. Mas logo tornou a esturrar. Vai entrar? Bufa. Com violência no banheiro ao lado. Existe uma voz no fundo do poço rugoso. São os espinhos do porco. Os pelos do sapo. Então era isso. Não restava dúvida.

Da transformação.
Meu tio era um lobisomem².

Após a cena nenhuma explicação ou palavra sobre o acontecido. O silêncio cúmplice é o texto desse contrato: “Nada foi dito sobre a noite anterior”. E com o passar do tempo ele não apenas acostuma-se, mas também supera o medo e acaba por vivenciar com felicidade o cotidiano de menino/rapaz na zona rural. Onde a vida é mais aventureira:

Sair de madrugada com minha lanterna. De passo apressado ao passar pela lavanderia onde morava o finado coati (os cachorros não tiveram dó). A sombra das roseiras vindo atrás. Foi perto da porteira que viram o saci? Chegar antes dos colonos ao curral ainda apagado. Conversar com as vacas e tomar leite direto do balde. O meu gorro eu emprestava pros bezerros. Ir até a venda pra tomar guaraná. Me jogar lá de cima sobre o depósito de esterco com os outros meninos, Robson, Richardison e Mariene, os filhos do caseiro (para eles, meu pai era jornalista, não jornalista). Corguinhos: as sanguessugas querendo se grudar no corpo do guaru. O anu canta que se espreguiça. Ir à caça da viúva-negra. A lenda do cavalo-inteiro. Então o nome disso era bater punheta. Xingar o outro de lazarento.

Lemos aí um amadurecimento e transformação do menino bobinho, ingênuo e sedentário da cidade em um rapaz corajoso, sociável e aberto a experimentações, inclusive de ordem sexual.

Na fazenda, com o exemplo do tio, ele podia ser quem ele verdadeiramente era. “A vida na cidade ficava insuportável. Entre muros e regras, espremida. No colégio, os amigos da classe se distanciavam cada vez mais. Mortais [...] Lá era nosso reino. Só ali podíamos ser quem éramos”. Lobisomem. Assim ele viveu por dois anos.

Percebe-se que, até então, estamos no reino do maravilhoso, conforme pontuado por Todorov (1977), quando diz que o maravilhoso não busca questionamento sobre o mundo. Caracteriza-se pela existência exclusiva dos acontecimentos sobrenaturais. E, de fato, o menino não questiona a crença popular no lobisomem. Ele apenas vivencia o horror e suas vantagens, sem duvidar da veracidade.

Maravilhoso implica que estejamos mergulhados num mundo de leis totalmente diferentes das que existem no nosso, por este fato, os acontecimentos não são absolutamente inquietantes. Ao contrário, trata-se realmente de uns acontecimentos chocantes, impossíveis, mas que se acaba por tornar-se paradoxalmente possível. (TODOROV, 1977, p. 180)

² Todos os trechos citados referem-se à edição de 2011, publicado pela Peirópolis, a qual não contém fôlios.

Interessante notar que a crença na existência do lobisomem, como um ente que está presente na sociedade ou um fato natural, permeia e mantém viva a lenda sobre esse monstro. Segundo Luís da Câmara Cascudo (1923), trata-se de uma lenda universal, que remonta à Grécia antiga. No Brasil, há diversas versões sobre o que leva um ser humano a se transformar em **lobisomem**. Alguns dizem que se trata de um homem que foi atacado por um lobo e não morreu. A contaminação pelas presas do animal faz com que a vítima passe a transformar-se em lobo nas noites de lua cheia.

Alguns acreditam que o **lobisomem** é o sétimo filho de uma mulher que, anteriormente, só teve filhas. Outros ainda dizem que o **lobisomem** é o filho ilegítimo que uma mulher e um padre geraram. Também há versões que indicam o monstro como sendo resultado da união entre compadre e comadre ou padrinho e afilhada.

Especialmente para o âmbito deste artigo, devido às convergências com a história contada por Maltez, interessa a lenda que afirma que, quando criança, o **lobisomem** é um menino magrinho, pálido, com as orelhas compridas. Ao completar 13 anos, as transformações começam a acontecer nas noites de terça ou sexta-feira, quando ele vai até uma encruzilhada e vira uma mistura de homem e lobo e uiva para a lua. Nessa noite, ele tem de visitar sete locais da região: sete igrejas, sete vilas e sete encruzilhadas. Por onde passa, assusta os cachorros e apaga as luzes das ruas e das casas.

As pessoas reconhecem o licantropo na forma humana por meio de seus comportamentos estranhos, como mudança de humor, atitude misteriosa e presença constante de olheiras (olhos cansados). O lobisomem, na forma humana, é uma pessoa muito atenta às outras, sempre desconfiando de tudo. Por exemplo, tem muito medo de que sua condição de aberração seja descoberta, porém é muito protetor e solidário.

Alguns aspectos da lenda do lobisomem interessam pela analogia com a história do livro de Maltez. Primeiro, a questão da transformação de homem em lobo, na lenda, e de menino em rapaz, no livro. Segundo, as relações entre as características do lobisomem e as alterações normais da puberdade. No lobisomem, uma sisudez de quem quer permanecer incógnito; no menino, a timidez; no monstro, a transformação corporal brutal de homem a lobo; no rapazinho, as desproporções corporais e o crescimento de pelos; no lobo-homem, a dupla personalidade homem gentil e monstro nas noites de luas cheias: no moço, os ataques de fúria pelos quais está passando.

Nesse bojo das transformações da fábula, o enredo também é alterado. Ocorre uma mudança na trama que ameaça a posição do maravilhoso no livro. Por motivos financeiros o tio vende a fazenda e o menino revoltado (“Era o fim. Era a realidade”) resolve contar o segredo para sua mãe, com o intuito de vingar-se do tio:

Ela [a mãe] achou muita graça e me explicou que não era nada daquilo [o tio ser lobisomem]: a razão daqueles barulhos noturnos era um problema estomacal que ele tinha há tempos, uma hérnia de hiato. Coisa já sabida e devidamente comentada por toda a família.

A mãe revela a “verdade”, a “realidade” e, por instante, todo o maravilhoso desmorona. Todorov (1977) explica que com a presença de um dado ou informação que leve o leitor e/ou a personagem a duvidarem do maravilhoso, revela-se o fantástico, ou seja, compõe-se a ambiguidade na narrativa. “Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. O fantástico ocorre nessa incerteza” (TODOROV, 1977, p. 35).

Maltez articula sua história para levar o leitor para essa zona do fantástico, pois na sequência temos a passagem para a consolidação da dúvida, visto que o menino conclui: “Mas, a estas alturas, saber disso não mudou muita coisa. Eu já tinha sido mordido”. Revelasse que aqui não se trata de verdades, mas sim de sentidos.

O tema é caro ao autor, que brinca com seu leitor ao buscar verossimilhança para a história constantemente: usa foto da fazenda onde tal caso teria acontecido; o narrador assume a primeira pessoa confessional; dedica o livro ao tio José, e complementa o título com “uma história verídica”. E quando desdenha dos conhecimentos da mãe, ele instaura a dúvida no leitor: verdade ou lenda? Nas dobras dessa dúvida, um dos aspectos que fica marcado pela metáfora construída é o processo de amadurecimento do menino em rapaz, como já apontado. A identificação com esse adulto peculiar e a posterior certeza da existência do homem-monstro parecem garantir a segurança que faltava para o menino tornar-se moço.

O que se quer aqui pontuar é o modo como Maltez dialoga com um conto popular para representar uma crise existencial, um ritual de passagem da infância à adolescência.

A figura masculina do tio é por ele associada ao lobisomem, compondo a principal imagem da história: um menino que se inspira no tio para constituir-se como sujeito masculino. É no momento da puberdade – quando o menino passa por várias transformações físicas e psíquicas, aprende novas regras sociais, muda seu círculo de amizade, fica mais independente da família, tem

as primeiras experiências sexuais, define-se mais próximo do gênero masculino – que ele passa a conviver mais com o tio e, em um processo vertiginoso de analogias e aproximações, associa o homem ao lobisomem e busca, nesse espelhamento com o outro, explicações e direcionamentos para sua elaboração íntima. “Eu já tinha sido mordido”, já tinha sofrido a transformação definitiva, o menino tinha dado lugar ao homem.

E se o tio adulto é seu espelho, o conto da tradição oral é sua linguagem. O autor coloca um conto popular para representar uma crise existencial, um ritual de passagem da infância à adolescência, a descoberta ou a construção do gênero masculino.

Bettelheim (1980) contribuiu com a tese de que os contos da tradição (por ele chamado de contos de fadas) auxiliam sobremaneira na trajetória do amadurecimento do sujeito:

Nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massas; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. (BETTELHEIM, 1980, p. 13)

Este viés é forte ponto de atração entre o conto de fadas e a literatura infantojuvenil e resultou em um constante movimento dessa literatura, a partir da década de 1980: modernizar os contos tradicionais. Colomer (2003) expõem muito bem o tema quando articula que, depois de reinar absoluta no imaginário infantil mundial durante mais de, no mínimo, dois séculos, o conto de fadas recebe um forte golpe. Logo após as duas grandes guerras, o mundo ocidental, traumatizado pelo holocausto, tem como objetivo maior restaurar os princípios humanos de igualdade, solidariedade, paz e justiça. A declaração da Carta de Direitos Humanos, em 1948, é momento paradigmático. Dentro dessa agenda, o investimento na educação infantil, voltada para tais valores, era urgente e os contos de fadas (leitura extremamente difundida e incentivada) pareciam um equívoco. Afinal, essa tradição oral era fonte de violência, discriminação entre grupos étnicos e sociais, todo tipo de preconceito, mesquinha e aval a comportamentos duvidosos como mentir, roubar, matar, trapacear, ser egoísta e alienado.

Tais argumentos, elencados pelo que Colomer (2003) chama de “grupo realista”³, ganharam força e terminaram por promover um distanciamento das escolas, das bibliotecas e das famílias dos contos de fadas nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Até que Bruno Bettelheim e o seu *Psicanálise do conto de fadas* retomam a discussão, formando o “grupo da fantasia”. O autor chama atenção para a importância dos contos de fadas na formação da psique humana e reaviva o interesse sobre as histórias da carochinha, desdobrando seus conteúdos em outras e novas leituras.

A literatura infantil e juvenil, que nunca escondeu seu interesse e irmandade com a tradição oral, reaproxima-se desses contos, mas sem tomar lugar nas polaridades “realismo” ou “fantasia”, e nas malhas da intertextualidade⁴, recontando, parodiando, reinventando o conto e a literatura infantil.

Talvez a obra mais emblemática dessa tendência seja *Historia meio ao contrário*, de Ana Maria Machado (1978), que vira o enredo tradicional das fadas de ponta cabeça, além de Chico Buarque de Holanda e seu *Chapeuzinho Amarelo* (1979) e mais recentemente *Os 33 porquinhos* (2012), de Roberto Torero, entre dezenas de títulos. No entanto, quer-se apontar aqui que Maltez acrescenta mais uma volta nessa ciranda quando traz para roda a tecnologia.

2 Dimensão digital da tradição oral

Toda a ambientação rural e o tom quase folclórico do livro encontram-se com a dimensão eletrônica do século XXI, quando Maltez publica a versão digital da obra simultaneamente com a versão de papel. O livro digital redimensiona a narrativa em imagens com movimentos, narração oral do texto e trilha sonora, feitas pelo escritor, que também assina a ilustração.

O livro de Manu Maltez foi o primeiro lançado simultaneamente em versão impressa e aplicativo, em agosto de 2011. Além da sonoridade – o *e-book* traz desde o som do virar de páginas,

³ Colomer (2003) cita A. Brauner como o primeiro a sistematizar essas ideias em seu livro *Nos livres d'enfants ont menti*, de 1951.

⁴ Tendo em vista a intertextualidade como conceito articulado por Julia Kristeva (1975), no final dos anos de 1960, ao retomar o que Bakhtin (2005) chamou de dialogismo, nos anos de 1920. O teórico russo, em estudo sobre a literatura de Dostoiévski, propõe que todo enunciado é constituído de outros, sejam eles pertencentes ao passado ou presente. Julia Kristeva retoma o trabalho de Bakhtin para formular o conceito de intertextualidade, quando postula que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1975, p. 64).

trilha sonora, narração da história pelo próprio autor – as ilustrações ganham movimento e vão entrando e saindo da tela conforme a trama, em harmonia com a música.

É curioso perceber o livro como um fenômeno no qual três dimensões aparentemente díspares (a cultura popular, as questões da subjetividade humana e a tecnologia) unem-se em um belo resultado artístico, tanto literário quanto visual.

Os aplicativos (*apps*) na literatura infantil já fazem parte da realidade do mercado editorial no Brasil e no mundo. De acordo com dados de órgãos oficiais, como a Câmara Brasileira do Livro e a Fundação Getúlio Vargas, existem hoje, em nosso país, 18 milhões de *tablets* em funcionamento e, embora os *e-books* representem apenas 3% do mercado de livros, a tendência é que esse cenário evolua com rapidez, principalmente no que diz respeito aos livros didáticos⁵. Porém, apesar de a metade dos domicílios do Brasil ter computador, sabe-se que o acesso a essa tecnologia ainda é desigual. As regiões Norte e Nordeste, por exemplo, são as menos conectadas, com 26% e 30%, respectivamente, de lares com acesso à internet⁶.

O grande desafio para produzir um aplicativo em literatura é pensar que, desde a concepção do livro, ele deve ser projetado para o literário, pois se espera que não seja uma cópia do livro impresso, uma vez que tal premissa repercute no conteúdo da obra e na divisão de trabalho entre escritor, editora, *design* e programador. Segundo Bircher (2012, p. 3), “Um *book app* infantil bem-sucedido preenche os requisitos de um livro infantil ilustrado tradicional, mas com o potencial extra permitido pelo ambiente digital”, o que significa que um bom aplicativo deve explorar todas as possibilidades que o digital oferece, tornando-o o mais interativo, dinâmico e atrativo possível⁷.

Nesse sentido, o grande ganho da versão digital de *Meu tio lobisomem* é a sonoridade, pois enquanto as belíssimas ilustrações do livro papel repetem-se no digital, acrescentando apenas o movimento de entrada e saída, a trilha sonora é algo totalmente novo e encadeia a leitura do enredo, reforçando a ideia de mistério, suspense e o ambiente da zona rural, devido ao estalar estridente e harmônico da marcante viola. Não por acaso a proposta original era que *Meu Tio Lobisomem*, o

⁵ Ver entrevista de Saulo Pereira Guimarães com Susanna Florissi. “Com 18 milhões de tablets, Brasil está pronto para e-books”. *Exame*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/com-18-milhoes-de-tablets-brasil-esta-pronto-para-e-books>, acessado em março de 2015.

⁶Os dados são da pesquisa TIC Domicílios 2013, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Sociedade da Informação e pode ser acessado no site www.cetic.br.

⁷ Agradeço o recolhimento dos dados referentes ao livro digital no Brasil, à mestranda Camila Wootton Villela, que vem desenvolvendo pesquisa sobre o tema no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUCSP.

livro em papel, fosse vendido com um CD encartado, pois Maltez, em parceria com o violeiro Fabio Barros, tinha composto a música tema da obra: *O Lobisomem de Itatiba*. Foi em conversa com a editora Peirópolis que surgiu a sugestão de produzir um aplicativo: o livro digital.

Considerações finais

Há muito a ser conquistado e percorrido nas pesquisas e nas discussões sobre a precoce alfabetização digital das crianças e as vantagens e as desvantagens do livro digital para a leitura e para a literatura, mas é fato que, no caso da literatura infantil, a nova mídia ganha cada vez mais espaço e reconhecimento, conforme aponta Teixeira:

Após a fase de comparação do livro digital com o livro impresso, onde ainda existiam dúvidas quanto a sua popularização e as escolas particulares usavam como estratégia de marketing, o mundo encontra-se na fase de reconhecimento desta nova plataforma na educação infantil. (TEIXEIRA et. al., 2013, p. 2)

Para a reflexão aqui encaminhada, cabe ressaltar que as ferramentas de interação digital do leitor com *Meu tio lobisomem* não são muitas, nem radicais, tais como as encontradas no *book game*. O leitor de Maltez pode decidir se quer ouvir a trilha sonora, se deseja ler ou ouvir a narrativa e ocasionalmente surpreender-se com o ingresso de algumas ilustrações em movimento. Na versão digital, o literário permanece como prioridade e preservar a imanência da literariedade é a principal qualidade da versão digital, que enaltece a tradição oral e acentua o clima de crise existencial com a sonoridade melódica e agreste da viola.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BIRCHER, K. **What makes a good picture book app?** The Horn Book Magazine, março/abril, 2012. Disponível em: <<http://www.hbook.com/2012/02/using-books/whatmakes-a-good-picture-book-app/>>. Acesso em: 10 mar. 2015

CÂMARA, Cascudo. Lincantropia sertaneja. In: **Revista do Brasil**, out. 1923.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chapeuzinho amarelo**. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Com 18 milhões de tablets, Brasil está pronto para e-books. In: **Exame**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/com-18-milhoes-de-tablets-brasil-esta-pronto-para-e-books>>. Acesso em: 10 mar. 2015

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 26. ed. São Paulo, Ática, 2010.

MALTEZ, Manu. **Meu tio lobisomem** – uma história verídica. São Paulo: Peirópolis, 2011. _____ . **Meu tio lobisomem** – uma história verídica. São Paulo: Peirópolis, 2011. Edição Google Play.

TEIXEIRA, D. J. ; GONÇALVES, B. S. ; GONCALVES, M. M. ; PEREIRA, A. T. C. . Os Códigos de Linguagem como potencializadores da interação em aplicativos de literatura infantil uma análise do app Cinderella de Nosy Crow. In: **4º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, 2013**, São Paulo.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Os 33 porquinhos**. Ilustração Edu. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

[Recebido: 20 mar. 2016 – Aceito: 13 maio 2016]